

PASSEIO PEDESTRE PARA OBSERVAÇÃO DA

BIODIVERSIDADE DA ORLA COSTEIRA DA PRAINHA



Angra do Heroísmo



culturangra
e.e.m

INTRODUÇÃO

A zona balnear da Prainha localiza-se na Baía de Angra do Heroísmo, outrora local de passagem obrigatória das naus que cruzavam o Atlântico quer a caminho das Américas quer da carreira das Índias. A baía (angra) era porto de abrigo das naus carregadas de ouro, prata, porcelanas, especiarias e outras mercadorias, que aqui aguardavam a reunião das frotas para seguirem sob escolta da Armada das ilhas até ao Reino.

Geologicamente, a baía apresenta fundos formados por escoadas lávicas de natureza basáltica em grande parte recobertos por escoadas piroclásticas do tipo surtseiano (tufos palagoníticos – piso do passeio desta caminhada na orla costeira) com origem no vulcão que ajudou a definir a própria baía, o Monte Brasil. Estas últimas escoadas piroclásticas tiveram origem em erupções submarinas e apresentam-se muito solidificadas e compactas.

Sobre estas camadas encontram-se materiais sedimentares por vezes de grande espessura formados essencialmente por areias, calhaus rolados e ainda grandes blocos palagoníticos com abundantes cavidades erosivas. Existem nas imediações desta zona algumas nascentes submarinas, de água salobra.

Esta baía, dada a sua origem, tem uma morfologia bastante variada apresentando assim clareiras de areia, paredes verticais (algumas com mais de 40 m), grandes blocos, calhaus rolados pequenos e médios, grutas, calhaus dispersos em fundo de areia.

Na pequena praia de areia junto às Portas da Prata é possível encontrar inúmeros calhaus rolados, de quartzito, originários dos rios portugueses, que eram transportados como lastro das caravelas que até aqui se deslocavam.

A areia desse rincão, tem na sua composição uma grande percentagem de olivinas, constituídas por silicatos de magnésio e ferro, com fórmula química $(Mg,Fe)_2SiO_4$, formando uma solução sólida em que a razão Fe/Mg varia entre os dois extremos: a forsterite Mg_2SiO_4 e a faialite Fe_2SiO_4 (nome associado à ilha do Faial). A olivina apresenta-se geralmente com cor verde-azeitona ou verde-oliva (daí o seu nome) ou



amarelo-claro, apesar de poder apresentar uma cor avermelhada devido à oxidação do ferro. Tem fractura concoidal, sendo bastante frável. A sua dureza varia entre 6,5 e 7, com uma densidade que varia entre 3.27 e 3.37 e lustre vítreo. Pensa-se que a cor verde seja devida à presença de pequenas quantidades de níquel. A olivina transparente é por vezes usada como gema em joalharia, sendo geralmente designada como perídoto. As melhores amostras de olivina de qualidade gemológica têm sido obtidas de um jazigo constituído por rochas do manto, na Ilha Zabargad, no Mar Vermelho.



O passeio pedestre termina em frente à Fortaleza de São João Baptista, também conhecida como Castelo de São João Baptista, Castelo de São Filipe, Fortaleza de São Filipe ou simplesmente Fortaleza do Monte Brasil.

Esta Fortaleza, sobre o istmo da península do Monte Brasil, no lado ocidental da baía de Angra, e oriental da baía do Fanal, integra um complexo defensivo iniciado durante a Dinastia Filipina (1580-1640). Devido ao seu porte, constitui-se na mais importante fortificação do arquipélago, estruturada como um dos vértices do triângulo defensivo estratégico espanhol que, à época, protegia as frotas da prata americana, da Carreira da Índia e do Brasil.

Na Baía de Angra existe o "Parque Arqueológico Subaquático da Baía de Angra do Heroísmo", no qual é possível observar entre muitas outras peças, o "Cemitério das Âncoras", "Navio Lidador" e o "Navio Run'her".

As águas da baía apresentam uma fauna relativamente variada em que se destacam as seguintes espécies:

Solha (*Bothus podas maderensis*), Salmonete (*Mullus surmuletus*), Peixe-balão (*Sphoeroides marmoratus*), Garoupa (*Serranidaeos*), Bodião (*Labridaeos*), Sargo (*Dictyota dichotoma*), Peixe-porco (*Balistes carolinensis*), Peixe-rei (*Coris julis*), Chicharro (*Trachurus picturatus*), Ratão (*Taeniura grabata*), Ouriço-do-mar-negro (*Arbacia lixula*), Caranguejo-eremita (*Calcinus tubularis*), Polvo (*Octopus vulgaris*), Estrela-do-mar (*Ophidiaster ophidianus*), Anêmona-do-mar (*Alicia mirabilis*), Água-viva (*Pelagia noctiluca*) e Caravela-Portuguesa (*Physalia physalis*).

No que diz respeito à flora marinha, é possível observar mais de 128 diferentes espécies nesta baía, entre as quais se destacam: a Alga vermelha (*Asparagopsis armata*), a Alga castanha (*Dictyota dichotoma*), Musgo (*Pterocladia capillacea*), Erva-patinha-verde (*Ulva intestinalis*) e Alface do mar (*Ulva rigida*).



Foto: Sandra Câmara



1. *Dracaena draco* (Dragoeiro)

Grupo: Plantas vasculares.

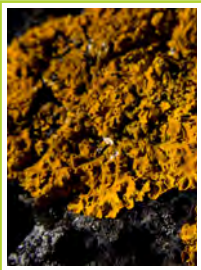
Planta nativa na Macaronésia e Norte de África.

O sangue de dragoeiro "resina", produz um pigmento vermelho que era utilizado em tinturaria. Também era usado como incenso.

Em termos medicinais a sua seiva era usada no tratamento da sífilis e de diarreias.

NOTAS: _____

Foto: Paulo Henrique Silva



2. *Xanthoria parietina* (Líquene)

Grupo: Fungo liquenizado.

Espécie nitrofilica. Quando os níveis atmosféricos de NO_x são reduzidos, localiza-se junto ao solo para que o vento deposite sobre ela os nutrientes. Quando os níveis desses poluentes são elevados ou está perto de uma fonte de óxido nitroso, como o oceano, ocupa os ramos mais altos das árvores. Quanto mais alto estiver maiores são os níveis de NO_x na atmosfera. É sensível ao dióxido de enxofre, por isso só existe em locais com níveis reduzidos.

NOTAS: _____

Foto: Paulo Henrique Silva



3. *Hedera azorica* (Hera)

Grupo: Plantas vasculares.

Endémica dos Açores.

Possui frutos muito tóxicos para os humanos, mas não tóxicos para insectos. Prefere os habitats entre os 400-900 m mas também se encontra entre os 100 e 1100 m de altitude.

Não usar para qualquer fim medicinal.

NOTAS: _____

02. ESTAÇÃO ROCHAS MARINHAS

Foto: DOP - U. dos Açores



4. *Juncus acutus* (Junco-agudo)

Grupo: Plantas vasculares.

Nativa da Macaronésia, Europa, Ásia, Norte de África e Norte do México. A maioria dos juncos (*Juncaceae*) ocorre nas regiões temperadas ou montanhosas, sendo rara nos trópicos.

É utilizada no artesanato, nomeadamente na construção de cestos.

NOTAS: _____

Foto: DOP - U. dos Açores



5. *Paracentrotus lividus* (Ouriço-das-poças)

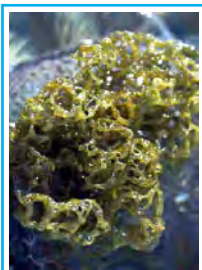
Grupo: Echinodermes.

Atlântico Norte e Mediterrâneo.

Vive na zona intertidal, mas pode ser observado a maiores profundidades. O ouriço-do-mar é um equinoderme que se alimenta de outros invertebrados e de algas que raspa das rochas com os seus cinco dentes, localizados na superfície inferior do corpo.

NOTAS: _____

Foto: DOP - U. dos Açores



6. *Hydroclathrus clathratus* (Alga)

Grupo: Algas.

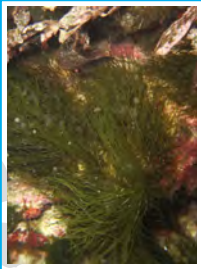
Presente nas águas europeias, mediterrânicas e africanas.

Alga castanha que ocorre esporadicamente na zona das marés em todo o arquipélago. Esta alga pode ser comida em saladas ou misturada com vegetais, todavia, deve ter-se cuidado para garantir que a água onde se encontra não está poluída e que não se a confunde com outra espécie.

NOTAS: _____

02. ESTAÇÃO ROCHAS MARINHAS

Foto: World Wide Reefers



7. *Cladophora prolifera* (Alga)

Grupo: Algas.

Alga pouco estudada mas sabe-se que está presente nas águas da Bélgica, Açores, África do Sul.

Alga verde, perene, comum e abundante em todo o arquipélago na zona de maré e zona submersa subjacente. Essa espécie é rica em vitamina A.

Cuidado com a sua ingestão.

NOTAS: _____

Foto: DOP - U. dos Açores



8. *Cystoseira humilis* (Alga)

Grupo: Algas.

Presente nas águas da Macaronésia e Mediterrâneo.

Alga castanha, perene e comum em todo o arquipélago particularmente em poças de maré.

NOTAS: _____

Foto: DOP - U. dos Açores



9. *Gelidium microdon* (Musgão)

Grupo: Algas.

Presente nas águas do Pacífico, de África e Açores.

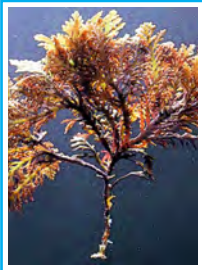
Alga vermelha, comum em todo o arquipélago onde forma populações perenes.

Nos Açores chegou a ser apanhada à mão para a produção de agar.

NOTAS: _____

02. ESTAÇÃO ROCHAS MARINHAS

Foto: DOP - U. dos Açores



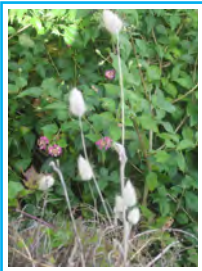
10. *Osmundea pinnatifida* (Erva-melagueta)

Grupo: Algas.

Alga vermelha, comum em todo o arquipélago, em algumas ilhas é recolhida, lavada em água salgada, curtida em vinagre e posteriormente utilizada para acompanhar alimentos fritos.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



11. *Pennisetum villosum* (Plumas-de-seda)

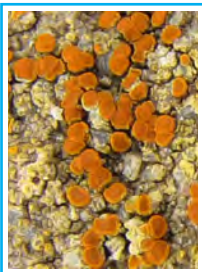
Grupo: Plantas vasculares.

Planta nativa da Ásia, América do Norte e Austrália.

Esta planta tem na Terceira utilizações ornamentais, especialmente para a elaboração de ramos de flores secas.

NOTAS: _____

Foto: Paul Cannon



12. *Caloplaca dalmatica* (Líquene)

Grupo: Fungo Liquenizado

Espécie nativa da Europa e Macaronésia. Presente em muros caiados ou rochas vulcânicas. Característica de ambientes salinos.

A *Caloplaca dalmatica* é um líquene crostoso.

Os líquenes são uma associação simbiótica entre uma alga e um fungo ou entre uma cianobactéria e um fungo.

NOTAS: _____

03. ESTAÇÃO PRAIA PEQUENA

Foto: DOP - U. dos Açores



13. *Littorina striata* (Búzio)

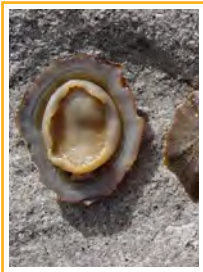
Grupo: Molusco - Gastrópode.

Espécie nativa da Macaronésia (Madeira e Açores).

Se tiver grandes dimensões, apresenta uma coloração acinzentada ou castanho-escura. Pode ocorrer uma banda branca, em espiral, na última volta. As estrias transversais formam sulcos.

NOTAS: _____

Foto: DOP - U. dos Açores



14. *Patella aspera* (Lapa-brava)

Grupo: Molusco - Gastrópode.

Espécie nativa do Atlântico Nordeste e Mediterrâneo.

Espécie comestível utilizada em todo o arquipélago: crua, grelhada, em molho Afonso e outras formas.

NOTAS: _____

Foto: DOP - U. dos Açores



15. *Asparagopsis armata* (Alga)

Grupo: Algas.

Espécie nativa da Europa, dos Açores e África.

Alga vermelha, comum em todo o arquipélago nas zonas de maré e zona submersa adjacente. Tem propriedades antimicrobianas e antifúngicas.

NOTAS: _____

03. ESTAÇÃO PRAIA PEQUENA

Foto: Algaebase



16. *Gelidium spinosum* (Alga)

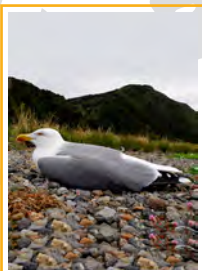
Grupo: Algas.

Espécie nativa do Atlântico Norte e Mediterrâneo. Ocasional no Arquipélago dos Açores.

Alga vermelha, característica da porção inferior da zona de maré onde se fixa directamente ao substrato rochoso.

NOTAS: _____

Foto: Paulo Henrique Silva



17. *Larus michahellis atlantis* (Gaivota-de-pernas-amarelas)

Grupo: Aves.

Esta gaivota, de grandes dimensões, é endémica da Macaronésia.

É comum ao longo de todo o litoral, especialmente em praias, portos e falésias costeiras. A cor amarela das suas patas e o anel vermelho à volta dos olhos distinguem-na de outras espécies de gaivotas.

NOTAS: _____

Foto: Paulo Henrique Silva



18. *Sterna hirundo hirundo* (Garajau-comum ou Andorinha-do-mar)

Grupo: Aves.

Tem uma distribuição Circumpolar.

Espécie nidificante nos Açores. Protegida. Ocorre regularmente nas passagens migratórias outonais e primaveris. Passa o inverno nas regiões costeiras tropicais e subtropicais. O garajau-rosado (*Sterna dougallii dougallii*) também nidifica nos Açores.

NOTAS: _____

03. ESTAÇÃO PRAIA PEQUENA

Foto: Carlos Ribeiro



19. *Columba livia domestica* (Pombo-das-rochas)

Grupo: Aves.

Espécie que vive em pequenos núcleos nas zonas rochosas costeiras das ilhas açorianas. É uma parente muito próxima do pombo doméstico, ao qual se assemelha, contudo, essas são populações que subsistem em estado selvagem, e que poderão já não ser "puras", por já se terem misturado com pombos de origem doméstica.

NOTAS: _____

04. ESTAÇÃO ALTO DA ESCADARIA

Foto: Félix Rodrigues



20. *Caloplaca flavescens* (Líquene)

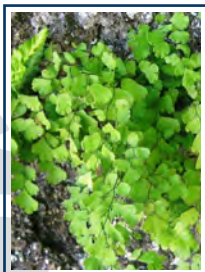
Grupo: Fungo lichenizado.

Espécie nativa da Europa.

Esta espécie cresce em muros de cimento ou substratos que contenham materiais calcários, e em locais secos e expostos ao sol.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



21. *Adiantum capillus-veneris* (Avenca)

Grupo: Plantas vasculares.

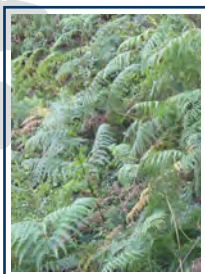
Espécie nativa da Macaronésia e Europa.

Localmente usada, em medicina popular para a tosse, tratamento do catarro pulmonar, da rouquidão e febrífugo.

O uso inapropriado pode provocar a morte.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



22. *Pteridium aquilinum* (Feto-das-pastagens)

Grupo: Plantas vasculares.

Espécie nativa dos Açores com uma distribuição mundial ampla.

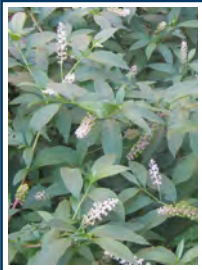
É uma infestante das pastagens açorianas. As suas raízes quando secas e transformadas em farinha, foram utilizadas na alimentação em São Jorge.

Produz grande quantidade de substâncias activas, muitas delas com efeitos tóxicos.

NOTAS: _____

04. ESTAÇÃO ALTO DA ESCADARIA

Foto: Félix Rodrigues



23. *Phytolaca americana* (Uva-de-rato)

Grupo: Plantas vasculares.

Planta nativa da América do Norte, introduzida na Macaronésia e Europa.

Possui proteínas específicas que estão a ser testadas em novos medicamentos.

Não usar, é muito tóxica.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



24. *Cyrtomium falcatum* (Feto)

Grupo: Plantas vasculares.

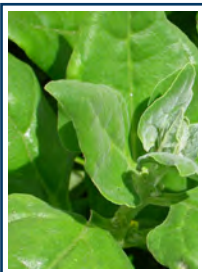
Planta nativa da Ásia, Polinésia e África do Sul, e naturalizada nos Açores.

Vive em fendas junto ao mar. O seu rizoma tem actividade anti-virais. Extraem-se dele fragrâncias para perfumaria.

O uso inapropriado pode provocar efeitos secundários graves.

NOTAS: _____

Foto: Luís Silva



25. *Tetragonia tetragonioides* (Espinafres-da-Nova-Zelândia)

Grupo: Plantas vasculares.

Espécie naturalizada nos Açores, nativa da Nova Zelândia, Ásia, Japão, Austrália e América do Sul.

É tolerante à ressalga. É usada na alimentação humana nas ilhas açorianas. Na Ásia, algumas populações usam-no para o tratamento do cancro do estômago e úlceras estomacais. Não usar crua.

NOTAS: _____

04. ESTAÇÃO ALTO DA ESCADARIA

Foto: Félix Rodrigues



26. *Rubus ulmifolius* (Silva)

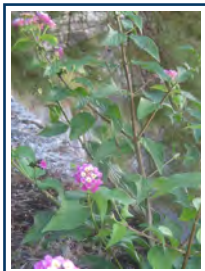
Grupo: Plantas vasculares.

Planta nativa da Macaronésia, Oeste e Sul da Europa e Norte de África.

Os seus frutos são comestíveis e agradáveis, sendo o doce de amora um dos doces tradicionalmente produzidos nos Açores. Os rebentos jovens e frescos são usados no arquipélago para infecções da boca e inflamação da garganta.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



27. *Lantana camara* (Cambará)

Grupo: Plantas vasculares.

Planta nativa da América Central.

Na ilha Terceira é usada como tendo propriedades anti-sépticas e espasmolíticas, para dores musculares e reumatismas, infecções dérmicas e doenças da pele. É tóxica. Muito cuidado no seu uso.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



28. *Plantago coronopus* (Diabelha)

Grupo: Plantas vasculares.

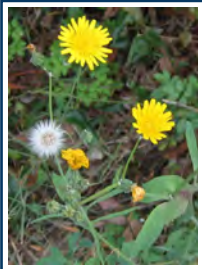
Planta nativa da Macaronésia, Europa, Norte de África, Ásia e América do Norte.

Pode ser usada na alimentação. Tem propriedades laxantes e oftálmicas.

NOTAS: _____

04. ESTAÇÃO ALTO DA ESCADARIA

Foto: Jose Guasch



29. *Sonchus tenerrimus* (Serralha-de-praia)

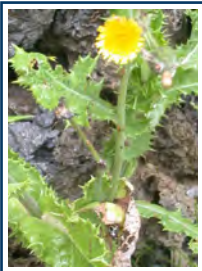
Grupo: Plantas vasculares.

Planta nativa do Sul da Europa e Mediterrâneo.

As folhas são comestíveis e podem ser usadas em saladas. Não se conhecem usos medicinais.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



30. *Sonchus asper* (Serralha-espinhosa)

Grupo: Plantas vasculares.

Planta nativa da Europa e Norte de África.

As folhas tenras podem ser usadas em salada e em sopa. Não se conhecem aplicações medicinais.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



31. *Lacerta dugesii* (Lagartixa)

Grupo: Vertebrados - Répteis.

Nativa da Madeira.

A lagartixa-da-Madeira (*Lacerta dugesii*) é uma espécie originária da Madeira, onde ocorre de forma abundante. As populações dos Açores são descendentes de animais introduzidos acidentalmente durante o século XIX por navios que faziam a rota entre os dois arquipélagos.

NOTAS: _____

04. ESTAÇÃO ALTO DA ESCADARIA

Foto: James Lindsey



32. *Barbula unguiculata* (Musgo)

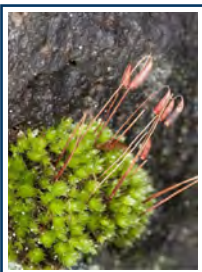
Grupo: Briófitos.

Espécie nativa da Europa e América do Norte.

Musgo muito pequeno (eixos até 1,5 cm), formando tufos de tom verde amarelado e aspecto brilhante. Quando estão molhados, os filídios afastam-se do caule, dando à planta o aspecto de uma pequena estrela. Notar a nervura curtamente excurrente. Esporófito com seda vermelha e cápsulas com dentes do perístoma enrolados.

NOTAS: _____

Foto: Paulo Borges



33. *Bryum capillare* (Musgo)

Grupo: Briófitos.

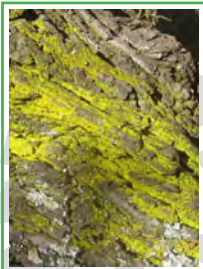
Espécie nativa da Suécia, Espanha e Alemanha.

Pequeno musgo (eixos de 1 a 3 cm) que cresce em tufos. As plantas secas apresentam os filídios enrolados em espiral à volta do eixo. Filídios com margem um pouco recurva, com nervura que se prolonga por uma ponta mais ou menos longa. Esporófitos comuns com cápsulas grandes (de 3,5 mm a 5 mm) pendentes de uma seda vermelha.

NOTAS: _____

05. ESTAÇÃO MURO DO RELVÃO

Foto: Félix Rodrigues



34. *Chrysothrix candelaris* (Líquene)

Grupo: Fungo liquenizado.

Tem uma distribuição mundial ampla.

Por vezes é confundido com tinta amarela.

Bom bioindicador de poluição atmosférica por dióxido de enxofre; quando existe, os níveis atmosféricos desse poluente são baixos.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



35. *Rimelia reticulata* (Líquene)

Grupo: Fungo liquenizado.

Esta espécie também está presente na América do Norte e Austrália.

Este líquene é um dos principais ingredientes da especiaria "Kabul Garam Masala". Os índios de Chihuahua, no México, usavam-no numa infusão para problemas de rins e doenças venéreas.

Não usar sem conhecer a dose.

NOTAS: _____

Foto: Pier Luigi Nimis



36. *Pertusaria hymenea* (Líquene)

Grupo: Fungo liquenizado.

Esta espécie tem uma distribuição mundial ampla.

É uma espécie muito comum nas árvores dos Açores e tolerante à poluição atmosférica.

NOTAS: _____

05. ESTAÇÃO MURO DO RELVÃO

Foto: Pier Luigi Nimis



37. *Phaeophyscia hirsuta* (Líquene)

Grupo: Fungo liquenizado.

Distribui-se pela América do Norte, Europa e África.

Tolerante à poluição atmosférica. Presente em muros de cimento e rochas.

NOTAS: _____

Foto: Pier Luigi Nimis



38. *Physcia adscendens* (Líquene)

Grupo: Fungo liquenizado.

Possui uma distribuição mundial ampla nas regiões temperadas e boreais do globo.

Espécie cosmopolita. Serve de alimento a algumas lesmas e caracóis terrestres.

NOTAS: _____

Foto: Discover Life



39. *Pyxine subcinerea* (Líquene)

Grupo: Fungo liquenizado.

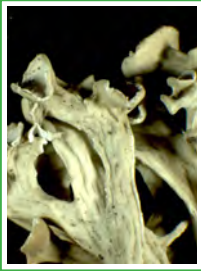
Distribui-se desde a América ao Arquipélago dos Açores.

Adquire coloração amarela quando iluminada com luz ultra-violeta.

NOTAS: _____

05. ESTAÇÃO MURO DO RELVÃO

Foto: Pier Luigi Nimis



40. *Ramalina lusitanica* (Líquene)

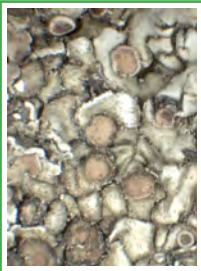
Grupo: Fungo liquenizado.

Endémica da Península Ibérica e Açores.

Característica de ambientes com níveis elevados de sal marinho.

NOTAS: _____

Foto: Pier Luigi Nimis



41. *Squamarina cartilaginea* (Líquene)

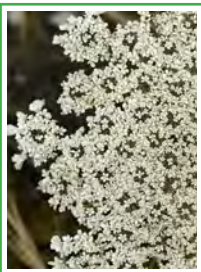
Grupo: Fungo liquenizado.

Distribui-se desde a Europa ao Médio-Oriente.

Espécie característica de ambientes hipersalinos. Produz um pigmento laranja, que pode ser usado em tinturaria.

NOTAS: _____

Foto: Paulo Henrique Silva



42. *Daucus carota azoricus* (Cenoura-selvagem-dos-Açores)

Grupo: Plantas vasculares.

Endémica dos Açores.

Não se conhecem aplicações medicinais dessa espécie ou outros usos, no entanto, noutras locais do globo são dadas muitas utilizações medicinais e culinárias a outras subespécies desta planta.

NOTAS: _____

05. ESTAÇÃO MURO DO RELVÃO

Foto: Félix Rodrigues



43. *Cyperus longus* (Junça-comum)

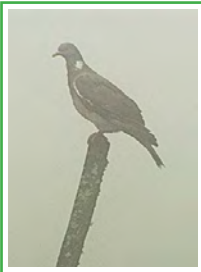
Grupo: Plantas vasculares.

Planta nativa da Europa e Mediterrâneo.

As raízes são comestíveis. Das suas raízes pode-se preparar um tónico que conforta o estômago e combate os primeiros estádios da hidropsia. Cuidado com o seu uso.

NOTAS: _____

Foto: Pedro Cardoso



44. *Columba palumbus azorica* (Pombo-torcaz-dos-Açores)

Grupo: Aves.

Endémica dos Açores.

Vive nas florestas, matos e campos. Alimenta-se em campo aberto de todo o tipo de sementes e grãos.

A subespécie endémica distingue-se da Europeia pelas cores mais fortes das penas do peito e menor envergadura das asas.

NOTAS: _____

Foto: Álvaro Areias



45. *Sturnus vulgaris granti* (Estorninho-malhado)

Grupo: Aves.

Endémico dos Açores. Não ameaçado.

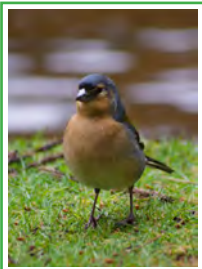
É relativamente comum no arquipélago. Ocupa um variado número de habitats mas mostra uma clara preferência por locais a baixa altitude.

Espécie resistente e prolífica, que é possível observar em todas as ilhas dos Açores.

NOTAS: _____

05. ESTAÇÃO MURO DO RELVÃO

Foto: César Araújo



46. *Fringilla coelebs moreletti* (Tentilhão)

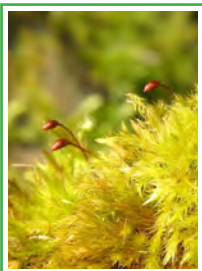
Grupo: Aves.

Espécie endêmica dos Açores. Não ameaçado.

O tentilhão dos Açores é um pássaro de pequeno porte, da família dos fringílídeos (*Fringilla coelebs*) muito parecido com o tentilhão português, sedentário, de coloração bastante viva e de canto mavioso.

NOTAS: _____

Foto: Andrew Spink



47. *Brachythecium* sp. (Musgo)

Grupo: Briófitos.

Género de musgos pleurocárpicos (rastejantes), que surgem geralmente sobre rochas, formando belos tapetes verdes.

As várias espécies deste grupo distinguem-se pela largura dos filídios e terminação da nervura bem como por características da geração esporófito.

NOTAS: _____

06. ESTAÇÃO PAREDE DO FORTE

Foto: Paulo Henrique Silva



48. *Rocella tinctoria* (Urzela)

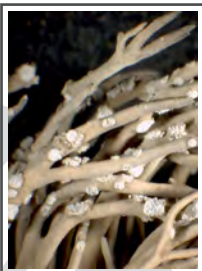
Grupo: Fungo liquenizado.

Espécie endêmica da Macaronésia.

É uma espécie comum nas rochas costeiras nas ilhas da Macaronésia. Deste líquene extrai-se um corante de cor púrpura (ou azul violáceo) que antes da invenção das anilinas sintéticas para tingir têxteis, atingia grande valor comercial.

NOTAS: _____

Foto: Pier Luigi Nimis



49. *Rocella phycopsis* (Urzela)

Grupo: Fungo liquenizado.

Distribui-se pelo Norte da Europa, Mediterrâneo e Macaronésia.

Tal como à espécie anterior, as populações das ilhas também a designam por urzela. Tal como a espécie anterior, esta também tem eixos ligeiramente elásticos que possuem um filamento branco interior.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



50. *Morella faya* (Faia-da-terra)

Grupo: Plantas vasculares.

Nativa de Portugal, Macaronésia e Espanha.

Usada tradicionalmente para problemas intestinais e diarreia.

O uso inapropriado pode provocar efeitos graves.

NOTAS: _____

06. ESTAÇÃO PAREDE DO FORTE

Foto: Tryon Life Community Farm



51. *Trifolium repens* (Trevo-da-Holanda)

Grupo: Plantas vasculares.

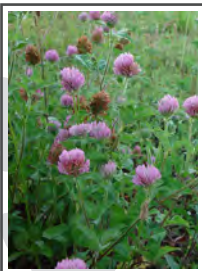
Nativo da Europa, Ásia e Norte de África.

As folhas jovens, antes da floração, podem ser utilizadas em saladas ou sopa. Utilizada para tratar o reumatismo na Grã-Bretanha.

Pode provocar alergias.

NOTAS:

Foto: MissouriPlants



52. *Trifolium pratense* (Trevo-dos-prados)

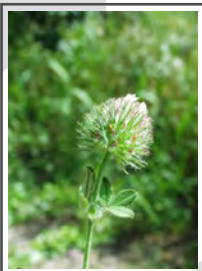
Grupo: Plantas vasculares.

Nativo da Europa, Ásia e Norte de África.

Tem sido usado para a tosse, problemas da pele, e sintomas associados à menopausa. É preciso cuidado no seu uso.

NOTAS:

Foto: Sophy Banque



53. *Trifolium lappaceum* (Trevo)

Grupo: Plantas vasculares.

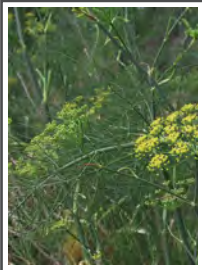
Nativo do Sul da Europa e Norte de África.

Usado na alimentação de bovinos.

NOTAS:

06. ESTAÇÃO PAREDE DO FORTE

Foto: Chirinka



54. *Foeniculum vulgare* (Funcho)

Grupo: Plantas vasculares.

Nativa da Europa.

Usada na alimentação humana nos Açores, na tradicional sopa de couve com funcho. É usado localmente, em chás, para combater gases e cólicas, dores de barriga, dores do período, regulador do trânsito intestinal, problemas de intestinos, prisão de ventre, facilitador da digestão, azia e vômitos, constipações, rouquidão e dores de cabeça.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



55. *Trachelium caeruleum* (Flor-de-viúva)

Grupo: Plantas vasculares.

Nativa do Mediterrâneo.

Na Grécia antiga era utilizada para as dores de garganta.

Cuidado com o seu uso.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



56. *Crinum moorei* (Lírio)

Grupo: Plantas vasculares.

Nativa da África do Sul.

Utilizada como anestésica, analgésica, psico-estimulante e neuro-depressora pelos nativos da África do Sul. Não usar.

NOTAS: _____

06. ESTAÇÃO PAREDE DO FORTE

Foto: Félix Rodrigues



57. *Festuca petraea* (Bracel-da-rocha)

Grupo: Plantas vasculares.

Endémica dos Açores.

Não se conhecem aplicações medicinais, todavia era usada para a construção de pincéis para cair as casas com cal.

NOTAS: _____

Foto: S. Botelho



58. *Turdus merula azorensis* (Melro-preto)

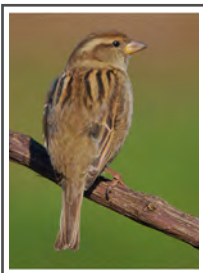
Grupo: Aves.

Endémico dos Açores.

Presente em todas as ilhas é uma espécie não ameaçada.

NOTAS: _____

Foto: Alberto Maia



59. *Passer domesticus* (Pardal)

Grupo: Aves.

Prefere ambientes próximos de habitações humanas, provavelmente pela facilidade na aquisição de alimento.

NOTAS: _____

06. ESTAÇÃO PAREDE DO FORTE

Foto: Fabel Froh



60. *Cephaloziella divaricata* (Hepática folhosa)

Grupo: Briófitos.

É a mais tolerante das espécies do género *Cephaloziella* à dessecação podendo ser observada em superfícies rochosas secas.

Aparentemente muito frágil, os seus eixos, com apenas 0,5 mm de largura, apresentam geralmente uma coloração acastanhada devido à presença dos pigmentos carotenóides, protectores da oxidação, mas em locais mais sombrios também podem formar tapetes verdes.

NOTAS: _____

Foto: J. P. Frahm



61. *Corsinia coriandrina* (Hepática talosa)

Grupo: Briófitos.

Pequena hepática talosa (até 6 mm de largura), suculenta, de tom verde e aspecto baço, com margens descoradas. Forma manchas que podem ser extensas sobre solo ou fissuras rochosas, geralmente em locais relativamente quentes e abertos a baixa altitude.

É facilmente reconhecida pela fissura central que apresenta ao longo do eixo de simetria e pelo aspecto esponjoso do talo.

NOTAS: _____

Foto: Félix Rodrigues



62. *Frullania azorica* (Hepática folhosa)

Grupo: Briófitos.

Hepática folhosa, relativamente comum a baixa altitude nos Açores, formando manchas castanhas (ou mais raramente verdes) sobre rochas e muros. Tal como nas restantes espécies deste género, os filídios ventrais encontram-se modificados em "capacetes", que neste caso são muito largos; estes "capacetes" auxiliam na retenção de água.

NOTAS: _____

06. ESTAÇÃO PAREDE DO FORTE

Foto: Karseby Online



63. *Funaria hygrometrica* (Musgo acrocárpico)

Grupo: Briófitos.

Musgo relativamente comum a baixa altitude.

O ciclo de vida deste musgo foi durante muitos anos estudado como exemplo de um ciclo de vida de um briófito. Plantas pequenas (3 a 10 mm), com filídios de tamanho variável (2 a 4 mm), translúcidos, com células grandes (visíveis com uma lupa de 10 x). Os esporófitos são característicos, formados por sedas muito longas (3 a 5 cm).

NOTAS: _____

Foto: J. P. Frahm



64. *Leptophascum leptophyllum* (Musgo acrocárpico)

Grupo: Briófitos.

Musgo efêmero, muito pequeno (até 3mm), típico de zonas costeiras arenosas. Muito difícil de identificar sem lupa. Os filídios são geralmente de tom verde acastanhado, mais largos na parte superior e com ápex reflexo.

NOTAS: _____

Foto: J. P. Frahm



65. *Lunularia cruciata* (Hepática talosa)

Grupo: Briófitos.

Hepática talosa grande (até 12 mm de largura), com ramificações dicotômicas, de tom verde pálido, brilhante, com poros pequenos mas visíveis, separados por linhas formando um retículo.

Facilmente identificável a partir dos suportes das gemas, em forma de crescente (daí o nome do género - Lunularia). Quando seca, os talos tomam um tom amarelado, as margens enrolam-se e as linhas do retículo quase desaparecem.

NOTAS: _____

06. ESTAÇÃO PAREDE DO FORTE



Foto: J. P. Frahm

66. *Targionia hypophylla* (Hepática talosa)

Grupo: Briófitos.

Hepática talosa com talos estreitos (2 a 5 mm de largura), planos, com retículo pouco marcado, poros bem visíveis, de textura coriácea, fortemente aromáticos. Plantas de tom verde escuro na página superior, com margens de tom púrpura escuro na página inferior.

Quando seca, as margens enrolam-se formando como que um tubo estreito e negro.

NOTAS: _____

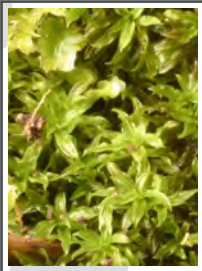


Foto: J. P. Frahm

67. *Trichostomum brachydontium* (Musgo acrocárpico)

Grupo: Briófitos.

Pequeno musgo, com eixos de 1 a 4 cm, é das espécies mais comuns em habitats costeiros rochosos.

Os filídios, relativamente grandes (de 2 a 4 mm), são linguiformes, com nervura saliente. Quando o musgo está húmido, os filídios estão afastados do caule em ângulos que podem chegar a 45°, mas quando a planta está seca, ficam enrolados como pequenos anzóis ou caracóis, de aspecto brilhante.

NOTAS: _____

PASSEIO PEDESTRE PARA OBSERVAÇÃO DA

BIODIVERSIDADE DA ORLA COSTEIRA DA PRAINHA

Tempo máximo Estimado: 2 horas

Grau de dificuldade: baixo

Distância percorrida: 1,5 Km

Velocidade média: 16 metros por minuto

Idade mínima: 5, 6 anos

Calçado: Sapatilhas ou chinelos

SETEMBRO DE 2010

CONCEPÇÃO: António Félix Rodrigues,
Rosana Melo, Enésima Mendonça,
Alison L. Neilson & Rosalina Gabriel

